

Artigo

Distopia do trabalho

“Ruptura” (*Severance*) como representação da alienação e da flexibilização no capitalismo neoliberal

*David dos Santos Lima**

*Isadora Maria Carvalho de Araújo***

Resumo

Este ensaio propõe uma análise sociológica da série *Ruptura* (*Severance*), explorando como sua narrativa distópica alegoriza a alienação e a flexibilização do trabalho no capitalismo neoliberal contemporâneo. O objetivo é traçar paralelos entre as dinâmicas laborais vivenciadas pelos personagens da série e a precarização do trabalho e da vida corporativa que caracteriza a realidade do trabalhador atual. Reconhecemos o audiovisual como um produto cultural intrínseco ao nosso tempo, capaz de expressar críticas sociais agudas por meio de sua estética. Para fundamentar essa leitura, ressaltamos as perspectivas de clássicos da Sociologia, como Karl Marx e Max Weber, cujas abordagens sobre o trabalho, o capitalismo e a alienação fornecem lentes essenciais para compreender as transformações nas sociedades modernas. Complementarmente, incorporamos as reflexões de Luc Boltanski e Ève Chiapello sobre as recentes mutações do capitalismo, que remodelaram a organização do trabalho e da vida corporativa globalizada, evidenciando a mobilidade e adaptabilidade do capitalismo contemporâneo. Argumentamos que, à medida que o capitalismo se reestrutura, o audiovisual emerge como uma representação das relações de trabalho precarizadas que se tornaram parte integrante dessa dinâmica.

Palavras-chave: Relações de trabalho. Capitalismo. Flexibilização. Ruptura.

Distopía del Trabajo: “Severance” como Representación de la Alienación y la Flexibilización en el Capitalismo Neoliberal

Resumen

Este ensayo propone un análisis sociológico de la serie *Severance*, explorando cómo su narrativa distópica alegoriza la alienación y la flexibilización del trabajo en el capitalismo neoliberal contemporáneo. El objetivo es trazar paralelos entre las dinámicas laborales experimentadas por los personajes de la serie y la precarización del trabajo y la vida corporativa que caracteriza la realidad del trabajador actual. Reconocemos lo audiovisual como un producto cultural intrínseco a nuestro tiempo, capaz de expresar críticas sociales agudas a través de su estética. Para fundamentar esta lectura, resaltamos las perspectivas de clásicos de la Sociología, como Karl Marx y Max Weber, cuyos enfoques sobre el trabajo, el capitalismo y la alienación proporcionan lentes esenciales para comprender las transformaciones en las sociedades modernas. Complementariamente, incorporamos las reflexiones de Luc Boltanski y Ève Chiapello sobre las recientes mutaciones del capitalismo, que han remodelado la organización del trabajo y la vida corporativa globalizada,

evidenciando la movilidad y adaptabilidad del capitalismo contemporáneo. Argumentamos que, a medida que el capitalismo se reestructura, lo audiovisual emerge como una representación de las relaciones laborales precarizadas que se han vuelto parte integral de esta dinámica.

Palabras clave: Relaciones laborales. Capitalismo. Flexibilización. Severance.

* *Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: david.santos@ufpi.edu.br*

** *Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: isamaria@ufpi.edu.br*

Asociedade contemporânea é resultado de um longo processo de desenvolvimento e expansão do modo de produção capitalista. A industrialização no século XVIII, acompanhada pelo avanço da urbanização, pelo êxodo rural e pela construção de cidades e fábricas, constituem partes importantes desse processo que inaugurou a sociedade industrial e capitalista. Nesse contexto, trabalho e o capital constituem pontos centrais nessa dinâmica que apresenta um novo reduto para o trabalho do homem.

Os modos de viver e trabalhar ganham novos referenciais na medida em que o capitalismo se consolida e se modifica. O modelo fordista, enquanto referencial expressa isso, é um modelo de produção que modificou o trabalho e a vida ao regulamentar os hábitos e o consumo do trabalhador. Nesse processo, o trabalhador vai perdendo sua autonomia sobre os meios de produção e o processo do trabalho, sendo subjugado pelo domínio do capitalista. É o paradigma da automação do trabalho.

O avanço do capitalismo tem gerado transformações econômicas, políticas e sociais profundas, alterando a substância e a essência das relações sociais. Acompanhada pelo desenvolvimento econômico, os avanços tecnológicos e a globalização, novas estruturas produtivas são continuamente estabelecidas pelo capitalismo. Da mesma forma, as relações de emprego são afetadas, com sua estrutura organizacional ganhando novas definições de qualificação e formação para o trabalhador.

No cenário organizacional dos anos finais do século XX, o trabalho constitui uma categoria importante para a identidade do indivíduo, sua forma de ser. Ele não apenas define o lugar social do sujeito, mas também o integra em redes de sociabilidade e de pertencimento e passa a ser determinante na sociedade e requer cada vez mais que se estabeleçam conexões sociais e participações em redes. O trabalho se torna um componente base para o desenvolvimento individual e social, não obstante, podemos observar seu lado ainda mais nocivo dado a via neoliberal. Nesse cenário, o toyotismo surge como um novo paradigma produtivo, substituindo o modelo fordista e aprofundando a lógica da flexibilização e da polivalência do trabalhador.

Vivemos sob novas condições de trabalho como consequência do desenvolvimento do capitalismo as quais demonstram novas situações de vulnerabilidade social. A estabilidade do emprego se torna um privilégio. O discurso neoliberal prega pela sua redução e extinção em prol da flexibilização e individualidade do trabalho. A flexibilidade, motivada pelo empresariado, apresenta então categorias de trabalhadores que empreendem e/ou são temporariamente contratados. O toyotismo é o novo paradigma do trabalho.

As novas configurações do trabalho, marcadas pela instabilidade e pela perda de direitos, tornaram-se objeto recorrente de análises críticas e expressões estéticas por parte de pesquisadores, estudiosos e artistas. Entre essas produções, destacam-se as obras audiovisuais (filmes, séries, curtas, animações, entre outros) que, mesmo inseridas na cultura de massa, são capazes de suscitar reflexões relevantes sobre as transformações do mundo do trabalho, especialmente quando ambientadas em cenários distópicos que retratam de forma simbólica as tensões sociais do presente.

Isto posto, este artigo tem como principal objetivo relacionar as vivências dos personagens da série *Ruptura* com a realidade do trabalhador contemporâneo, marcada pela flexibilização e precarização do trabalho. A série, por meio de sua abordagem alegórica, apresenta uma crítica contundente à vida corporativa e as dinâmicas laborais no mundo capitalista em movimento, servindo como ponto de partida para reflexões sobre o sentido

do trabalho e seus impactos na subjetividade. Em relação aos procedimentos metodológicos, fazemos uso da abordagem qualitativa de cunho descritivo, posto que, como apontam Cervo e Bervian (2007), nos permite observar, analisar e relacionar fenômenos. O principal instrumento de pesquisa utilizado foi a revisão de bibliografia, com o intuito de produzir um diálogo entre autores clássicos e contemporâneos da sociologia e a narrativa da série em questão, fundamentando o objetivo do estudo.

A questão do trabalho, sob a ótica do pensamento sociológico clássico e contemporâneo, tem sido tema de trabalhos descritivos que apontam para o impacto de suas teorias na compreensão dos processos de mudanças do capitalismo. Isso é bem observado por Sales e Sanson (2022), que reverberam diálogos entre os autores, e por Fernandes (2020), que destaca a importância de suas teorias críticas para a sociedade atual. A série *Ruptura*, embora tenha sido lançada recentemente, tem acalorado debates sobre as mudanças nas relações de trabalho, como o realizado por Rafael Mendes Leal (2022) sobre o sentido do trabalho para a subjetividade, e o de Scopel (2023) sobre o advento do *burnout* nos ambientes de trabalho.

1. Perspectivas sociológicas sobre o trabalho

Para refletir sobre a questão do trabalho na sociedade moderna, recorremos inicialmente aos aportes teóricos de autores clássicos como Karl Marx (2013) e Max Weber (1999), cujas contribuições são fundamentais para discutir suas percepções sobre as dinâmicas sociais, econômicas e simbólicas que estruturam o mundo do trabalho na sociedade moderna. Em um segundo momento, ampliamos a análise com base no pensamento de estudiosos contemporâneos, como Boltanski e Chiapello (2009), Dardot e Laval (2016) e Antunes (2014). Esses autores oferecem não apenas releituras dos clássicos sob novas perspectivas, como também oferecem novas abordagens para compreender a complexidade das transformações no mundo do trabalho, bem como a racionalidade neoliberal que orienta o mundo capitalista que permeia o trabalho hoje.

1.1 O pensamento sociológico clássico sobre o trabalho

Karl Marx (1813 - 1873) e Max Weber (1864 - 1920) criaram métodos distintos para analisarem os fenômenos da sociedade. Como bem ressalta Jeffrey Alexander (1999), os clássicos nos ajudam a entender a complexidade que as ciências sociais têm em sua atividade de analisar a contemporaneidade ao terem desenvolvido marcos científicos referenciais. Neste tópico destacamos suas abordagens sobre o conceito de trabalho e as relações capitalistas.

Karl Marx nunca se preocupou em criar uma ciência da sociedade. Ele era um autor com abordagens críticas e seu discurso era crítico contra o modo de produção capitalista e todas as relações sociais advindas dele. Marx nos aproxima do seu método ao conceituar a sociedade moderna através do materialismo histórico-dialético, onde ele faz seu estudo sobre o capitalismo que tem como categorias centrais o trabalho, a alienação e a extração da mais-valia.

De acordo com a teoria marxista, o trabalho deve ser entendido como um processo dinâmico entre o homem e a natureza:

[...] Processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [...]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013, p.255).

Para Marx, o trabalho não se resume à relação entre o homem e a natureza. Ele também constata que o modo produção capitalista e a divisão social do trabalho são cercados de contradições e pela luta de classes, em que uma classe detém dos meios de produção e a outra que não possui nada além de sua força de trabalho para vender. Nesse sentido, o trabalho deve ser compreendido como a relação que se estabelece entre o homem e a natureza. No entanto, essas relações foram transformadas com o surgimento do

capitalismo e da divisão do trabalho que acarretou um caráter negativo do trabalho e da produção, se tornando sinônimo de antagonismo de classes e reprodução das desigualdades sociais.

Ao trabalhador, lhe resta a venda de sua mão de obra para o patrão onde ele não se reconhece no seu ambiente de trabalho, assim como não se reconhece e nem se sente realizado com o produto (MARX, 2004), ficando cada vez mais pobre enquanto produz cada vez mais riqueza para os patrões. Desse modo, o trabalho na sociedade capitalista, para Marx, é marcado por poder, dominação e degradação. Longe de ser apenas uma realização humana, o trabalho se torna uma necessidade e um produto de valor que gera a mais-valia. Essa transformação na função do trabalho e da produção é central para compreender as mudanças na vida social moderna.

De forma distinta, o sociólogo alemão, Max Weber, observa como o progresso da civilização acontece a partir da redução à lógica da vida social. Para ele, a modernidade não deriva apenas da diferenciação entre a economia capitalista e o Estado, mas também de uma reordenação racional da cultura e da sociedade. Para melhor compreender essa afirmação, recorremos aos conceitos estudados em Weber sobre rationalidades, tratados principalmente nos dois capítulos iniciais da parte I de *Economia e Sociedade* (2009). Nessa obra ele define a diferença entre a rationalidade finalística e a rationalidade quanto aos valores, trazendo aspectos que compõem a modernidade.

Para Weber, os indivíduos são inseridos em uma sociedade moderna rationalizada, com sistemas econômicos e burocráticos já estabelecidos. Nela, a rationalidade domina a vida social e o trabalho para atingir fins específicos como a produtividade e o lucro, com o trabalho sendo organizado por meio de controles que aspiram esses objetivos. Todavia, a busca por competência gera o problema central sobre os meios necessários para atingir tais fins, que muitas vezes não são questionados em sua concretude, caindo na falácia de que os fins justificam os meios. Weber observa que a rationalização representa um avanço no processo civilizatório, porém reconhece as perdas significativas que esse fenômeno acarreta. Em seus debates na obra *Economia*

e Sociedade, ele aponta, como consequências desse intenso processo de racionalização das ações sociais, a perda de sentido, da individualidade e da liberdade identitária na vida social.

No que se refere ao mundo moderno, à economia e às sociedades capitalistas, Weber busca identificar a origem dos princípios desse sistema na religião. Para ele, a questão central do racionalismo ocidental pelo capitalismo se deu a partir da Reforma Protestante. Sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1999) traduz o impacto da Reforma e a ascensão do trabalho como valor na humanidade. A visão protestante, como nos mostra o autor, é de que o trabalho é um meio de sucesso na vida terrena e de fazer parte dos eleitos por Deus. Essa ideia de trabalho teve efeitos sobre a vida econômica e, especialmente, sobre o modo de vida no capitalismo.

A riqueza passa a ser considerada bênção e caminho para a salvação, ao contrário da pobreza, que, sem nenhum reconhecimento social, é vista como uma falha de caráter no caminho para a graça de Deus. Nas palavras de Weber, a ética protestante deu margem para um espírito do capitalismo, tendo no trabalho o seu cerne. Para além de uma valorização religiosa do trabalho, a ética protestante contribuiu para criar um “espírito” motivado para o empreendedorismo.

A categoria trabalho indiscutivelmente faz parte das discussões dos autores clássicos. Como denotam Sales e Sanson (2022), o trabalho para Marx ocupa a função do conflito das contradições vivenciadas no mundo capitalista; enquanto para Weber, o trabalho é a base para a compreensão do processo de legitimação do capitalismo. Esses dois autores clássicos do pensamento sociológico discutem o trabalho observando as mudanças que ocorrem na modernidade e no capitalismo. Seus métodos e abordagens sobre a forma como o trabalho ocupa espaço na sociedade são distintos, porém, cada um nos permite realizar uma leitura diferente. Como bem destaca Fernandes (2020, p. 121), “apesar de terem vivido no século XIX e observado aspectos muito

diferentes do que vivenciamos na contemporaneidade”, seus conceitos continuam sendo referências para pensarmos nossa sociedade nos dias atuais, principalmente, tendo o trabalho como categoria analítica.

A visão clássica do pensamento sociológico sobre o trabalho traz marcos importantes para analisar as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. Ao analisarem a sociedade do seu tempo, eles levantam questões que ainda hoje podem ser contempladas ao se analisar a sociedade. A pertinência desses pensadores se traduz na medida em que influenciam estudiosos contemporâneos e os instigam a pensar o seu próprio tempo, a contemporaneidade.

1.1.2 A flexibilização do trabalho no capitalismo neoliberal

Em *O novo espírito do capitalismo*, Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) apresentam uma releitura da obra clássica de Weber que versa sobre as mutações do espírito do capitalismo diante das relações do trabalho na contemporaneidade. Para Boltanski e Chiapello os anos finais do século XX representaram um momento de transformações ideológicas e morais para o capitalismo. A autonomia e a liberdade para o trabalhador se tornaram pontos centrais no novo discurso empresarial, com o empreendedorismo, o engajamento, a flexibilidade e a adaptabilidade do indivíduo representando a nova face do desenvolvimento social.

O momento atual aponta para a capacidade de reorganização do capitalismo diante das críticas que lhe são inferidas, críticas essas de caráter social e estético. Ele altera sua estrutura, o seu espírito se modifica para encontrar uma forma de gerar o engajamento capitalista, fazê-lo fazer sentido dentro das dinâmicas econômicas e morais da sociedade. O capitalismo não se sustenta por si mesmo e precisa incorporar as críticas para reestruturar sua legitimidade.

Para gerar engajamento, segundo os autores, o espírito do capitalismo encontra subsídio na realidade cotidiana do indivíduo, encontrando nesse espaço, um motor para transformá-lo em um ator da corrente empresa

capitalista. E com o discurso da flexibilidade para construção da individualização do sujeito, o processo de precarização do trabalho tem atingido novas proporções.

As mudanças do espírito do capitalismo acompanham, assim, modificações profundas das condições de vida e trabalho, bem como das expectativas dos trabalhadores — para si ou para seus filhos —, trabalhadores que, nas empresas, têm seu papel no processo de acumulação capitalista, mas não são seus beneficiários privilegiados. Hoje, as garantias conferidas pelos diplomas superiores diminuíram, as aposentadorias estão ameaçadas e as carreiras já não são asseguradas (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 51).

A flexibilização atinge não apenas o indivíduo nesse processo de mudança, as relações de trabalho e as seguridades que ele tinha através dos estatutos também sofrem desestruturações na forma de racionalização neoliberal do trabalho. Nesse processo, os autores ressaltam que o homem se enraíza em uma “empresa de si”. Essa necessidade de se tornar uma empresa de si, que precisa de investimento, remonta ao pensamento de Pierre Dardot e Christian Laval (2016) que a colocam como parte de uma razão neoliberal que está para além de um modelo econômico. Na obra *Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, os autores ressaltam como a institucionalização do neoliberalismo traz mudanças significativas para a estrutura da sociedade.

A perspectiva neoliberal comprehende a estrutura do Estado, o qual se distancia cada vez mais da sua atuação em prol da vida do trabalhador. A tarefa do cuidado vai para as mãos das empresas privadas, do mercado. É interessante observar que na visão crítica destes autores, a ideia do livre mercado e do empreendedorismo fazem parte do indivíduo como uma forma de liberdade, de auto realização. Esse ponto chama atenção para o modo como o trabalhador se identifica como parte da empresa, trabalhando nela como se fosse para ele mesmo.

A intensidade do trabalho, a individualização e a necessidade corrente de realizar qualificações para se adequar a empregos costumam exaurir as forças do trabalhador. O mercado de trabalho é local de disputas, de

competições entre os próprios trabalhadores, sendo que a estabilidade que este oferece pode mudar do dia para a noite. O capitalismo neoliberal agora tem o controle do nosso tempo (trabalho) a partir do modelo de acumulação flexível.

Ricardo Antunes (2014) traz importantes observações sobre essas mudanças no trabalho no capitalismo brasileiro. Principalmente quando trata da flexibilização e da informalidade do trabalho. Para o autor, a informalidade do trabalho é outra faceta desse movimento neoliberal e representa um processo de precarização da atividade, uma vez que não está amparada na legislação que protege o contrato estabelecido entre as partes. A expansão dessa informalidade, entre outras posições que colocam a flexibilidade do trabalho no centro da dada questão, é um dos instrumentos usados por empresas para transgredir leis trabalhistas. Um exemplo claro disso é a nova legislação trabalhista brasileira de 2017 (BRASIL, 2017), que trouxe, de forma prática, formas de flexibilização que estimulam a precarização ao reduzir direitos e garantias outrora efetivadas.

A complexa conexão que existe entre a “financeirização da economia, neoliberalismo, reestruturação produtiva e as mutações no espaço microcóssmico do trabalho e da empresa” (ANTUNES, 2014, p. 41) não para de afetar as relações de trabalho e, consequentemente, a classe trabalhadora. Essas são questões que corroboram com a reprodução do capitalismo. Nesse cenário de precarização do trabalho, não é difícil observar o isolamento da consciência do trabalhador, que não se vê como parte da classe trabalhadora, do coletivo. Essa fragmentação é amplificada por fenômenos como a recorrente dessindicalização dos trabalhadores que enfraquece sua capacidade de organização (CARVALHO, 2009).

Há de se destacar como também se apresenta processos de adoecimento do corpo, Araújo e Morais (2019) apontam que o esgotamento profissional, a depressão, *burnout*, problemas psicológicos, quadros de estresse estão sendo recorrentes na vida de trabalhadores que estão situados em condições precárias de trabalho. Tal ponto ressalta as críticas ao

capitalismo. Boltanski e Chiapello (2009) ressaltam como essas críticas têm causado efeito para com o capitalismo, na medida em que ele comprehende delas para estabelecer suas reformulações. Ainda assim, é interessante observar que através do tempo essas críticas se apresentam sob novas roupagens, inclusive possibilitando revigoramento do sistema capitalista.

Ao observar o caráter estético, chegamos às produções audiovisuais como uma das formas de se estabelecer uma crítica ao quadro contemporâneo do capitalismo por meio de uma linguagem própria, da informação visual. O audiovisual está na palma da nossa mão nesta era da informação, por esse motivo são suportes interessantes para realizarmos análises sobre aspectos da realidade social, algo que nos leva a abordagem do tópico seguinte em que tratamos do experimento social realizado pela empresa Lumon na série *Ruptura*.

2. Ruptura: distopia e alegoria da precarização do trabalho

Este segmento se dedica a apresentar a premissa central da série *Ruptura*, focando no enredo do seu episódio inaugural, "Boas notícias sobre o inferno". Nele, somos introduzidos aos personagens que compõem a força de trabalho da misteriosa empresa Lumon e nos confrontamos com um modelo de trabalho radicalmente distinto. A partir da descrição deste experimento de alteração da memória, a "ruptura", desenvolvemos uma discussão aprofundada. Dialogando com autores que exploram as dinâmicas do capitalismo contemporâneo, destacamos como a série funciona como uma poderosa alegoria para o movimento de precarização do trabalhador que se intensifica no contexto do capitalismo neoliberal.

2.1. "Boas notícias sobre o inferno": imersão na Lumon e as dinâmicas da ruptura

Para este ensaio, utilizamos a série *Ruptura*, produzida pela Apple TV+, como objeto de pesquisa e exemplificação da parte teórica. A produção serve como objeto de análise por retratar, em linguagem ficcional e distópica,

questões centrais que envolvem vida e trabalho e como é possível esses dois mundos se relacionarem em um contexto de precarização do trabalho, produtividade excessiva e adoecimento mental e físico dos trabalhadores. Como destaca José de Souza Martins (2013), obras culturais como séries e filmes oferecem materiais interessantes capazes de promover debates sobre diversos assuntos e conceitos sociológicos da atualidade, sendo ferramentas úteis e relevantes para a crítica.

A trama de *Ruptura* gira em torno de Mark, interpretado por Adam Scott, um ex-professor universitário que, após a morte da esposa, decide se submeter a um procedimento experimental em uma grande corporação chamada Lumon. O procedimento separa artificialmente suas memórias em duas: uma personalidade vive apenas no trabalho (“intra”), e outra apenas fora dele (“extra”), sem que uma saiba da existência da outra.

O primeiro episódio, intitulado “Boas notícias sobre o inferno”, introduz esse universo distópico a partir da experiência de Helly, nova funcionária da empresa. Ela acorda desorientada em uma sala e não consegue responder perguntas básicas sobre si mesma. Aos poucos, descobre que sua memória foi deliberadamente apagada e que aquela é sua “versão de trabalho”, sem acesso à vida pessoal.

Paralelamente, observamos a rotina de Mark antes de iniciar o expediente. Ele aparece chorando no estacionamento da empresa, antes de entrar, revelando o peso emocional que carrega. Ao entrar no elevador da empresa, seu semblante muda, é o momento exato da “ruptura” entre os dois “eus”. No ambiente de trabalho, Mark lidera um pequeno departamento com outros três colegas em um escritório com estética inspirada nos anos 1980. A ambientação remete a uma atmosfera opressora e impessoal, acentuando o isolamento dos funcionários.

Ao longo do episódio, Helly tenta compreender sua situação, demonstrando desconforto com a ausência de memória e com os limites físicos da empresa, da qual ela não consegue sair. Os diálogos com Mark evidenciam o controle rígido da Lumon e o silenciamento sobre o passado e a

individualidade dos trabalhadores. Vemos então, como a empresa, por meio de procedimentos padronizados e discursos supostamente motivacionais, normaliza essa forma extrema de dissociação entre vida pessoal e trabalho.

A ruptura, como fica evidente, consiste em um procedimento cirúrgico que instala um chip no cérebro dos funcionários, criando uma cisão absoluta entre os mundos pessoal e profissional. A identidade do sujeito passa a ser fragmentada, e a vida no trabalho se torna uma existência separada e autônoma sem qualquer ligação com a vida fora dos limites do local de trabalho, onde ficam enclausurados no período de expediente. Essa proposta narrativa, embora distópica, serve como uma representação metafórica poderosa para refletir sobre a alienação no trabalho e os limites da racionalização das relações de trabalho.

Apesar de se tratar de uma produção audiovisual com uma temática de distopia, a série trata de muitas questões que convergem com a nossa sociedade contemporânea e, como citado anteriormente sobre o mundo do trabalho, a principal delas é o motivo de tal escolha para objeto de estudo, a vida no trabalho. Ao tematizar a dissociação extrema entre vida pessoal e vida profissional, a série demonstra os efeitos da lógica produtivista que caracteriza o capitalismo atual, em que o sujeito é, muitas vezes, reduzido à sua função no sistema econômico.

2.1.2 O experimento de ruptura: metáfora da precarização e alienação do trabalhador

O trabalho sempre possuiu um significado importante na atividade social do homem. Ao transformar todo seu esforço em remuneração, o indivíduo passa a se afirmar dentro da sociedade. Para Engels (1985), na medida em que o homem dedica seu corpo e sua consciência à realização de algum objetivo, ele desenvolve uma relação intrínseca com outros indivíduos e com a natureza. Nesse sentido, o trabalho é condição essencial para a existência humana, pois, ao transformar o mundo, o homem se transforma a si mesmo.

As transformações históricas no modo de produção e nas relações de trabalho têm influenciado profundamente a forma como os indivíduos se relacionam entre si (DURKHEIM, 2008) e como constroem sua consciência de classe (MARX, 2013). Na contemporaneidade, vivenciamos o modo de produção mais selvagem e massificador para o trabalhador até o momento. Como observa Dallago (2010), o trabalho desempenha o papel de mercadoria, sendo adquirido por meio de remuneração estabelecida em contrato regulado pelo mercado. Presenciamos uma separação absoluta entre assalariados e patrões, além do incentivo à produção em massa, dos aperfeiçoamentos técnicos constantes e da ampliação de mercados.

A partir desses pontos, podemos traçar alguns paralelos significativos com o objetivo a qual a série *Ruptura*. Observamos, ao longo da história apresentada no seriado, um intenso discurso e reprodução de uma falsa ideia de pertencimento à empresa pelos personagens, alterando completamente suas noções da vida para além daquele cenário de ambiente corporativo. Como destaca Leal (2022), essa dinâmica atinge as subjetividades dos indivíduos, moldando suas formas de pensar, agir e se perceber.

A Lumon, abordada na obra, é uma empresa fictícia de biotecnologia responsável pelo polêmico procedimento de ruptura. Embora seja consensual, a cirurgia obriga os funcionários submetidos a manterem sigilo de tudo que acontece nos andares da empresa. Essa tecnologia é considerada revolucionária, pois é capaz de modular as atividades do cérebro, permitindo que seus funcionários alternam entre um estado de foco no trabalho dentro da empresa e um estado de personalidade “normal” fora dela. Essa possibilidade, embora em outros patamares, nos dias de hoje já é realidade.

Em outras palavras, Sanchez (2022) explica que essa tecnologia é capaz de “ligar” ou “desligar” as partes do cérebro relacionadas ao trabalho e ao lazer. Quando os personagens entram no prédio para trabalhar, eles retiram todas as lembranças relacionadas a sua vida externa. E quando saem, tampouco reconhecem seus colegas e suas funções, nem mesmo o que fizeram

durante o dia. Durante o período na empresa, percebe-se uma solidariedade orgânica (DURKHEIM, 2008) entre os empregados que seguem as normas da empresa.

Um outro aspecto que destacamos na obra como plano de fundo de temas sociológicos, se refere ao grande mistério em torno dos objetivos da empresa ali retratada. Embora fique claro que se trata de uma empresa de biotecnologia do ramo farmacêutico, seus serviços e produções nunca ficam explícitos, toda sua ótica de funcionamento, de comando, chefias e subdivisões são um grande mistério para os funcionários. Os personagens principais limitam-se a um setor de “refinamento de macrodados”, recebendo uma única função para desempenhar, sem jamais fazer perguntas aos supervisores sobre os objetivos daquela função. Ou seja, eles cumprem uma atividade da qual desconhecem sua finalidade, configurando uma alienação absoluta.

Com base nisso, é pertinente retornarmos aos conceitos de MARX (2004; 2013), ao formular suas análises em torno da alienação do trabalhador. Ele aponta diversas formas em que esse fenômeno acontece na sociedade capitalista. Uma delas ocorre quando o trabalhador não sabe qual a finalidade daquela mercadoria que é produzida e nem quem vai utilizá-la, ou seja, ele não ver reconhecimento nem identidade no produto finalizado, pois faz parte apenas de uma etapa da produção desconhecendo o processo total de produção e seu valor de uso final.

Outra forma de alienação proposta nos estudos desse autor, e que podemos destacar na série, encontra-se na forma como os personagens interagem (ou não) com o ambiente de trabalho. Muitas vezes associado a um lugar infeliz, sem possibilidade de autoafirmação, o trabalho se torna uma prisão, fazendo com que os funcionários se sintam cansados e desmotivados. A atividade deixa de ser realizadora e de transformação social e passa a ser obrigatória, forçada, um sacrifício. Essa é mais uma clara consequência da precarização das relações de trabalho no capitalismo da contemporaneidade.

Como poderia a série *Ruptura* se relacionar com a nossa realidade? Para além dos temas sociológicos acerca das noções atribuídas ao trabalho no mundo moderno, ela fala de um rompimento com a subjetividade humana que, de acordo com a premissa da obra, poderia criar uma massa de pessoas mais produtivas para as empresas. Mais que isso, ela levanta questões importantes sobre a busca recorrente pela produtividade a ponto de otimizar o desempenho por um método laboral, fazendo-nos refletir sobre quais seriam os limites éticos que envolvem uma intervenção gerencial na vida humana, num futuro em que o processo de alienação do trabalho aliena o próprio “eu”.

Essa crítica se amplia quando observamos que cada vez mais, somos atravessados pelas instituições modernas, seja no mercado de trabalho, que mostra que a produção está acima da dignidade humana; seja pelo Estado, que frequentemente legitima essas condições; pela introdução de novas tecnologias, que muitas vezes, aumentam a sobrecarga desses trabalhadores. Não resta dúvida de que hoje é totalmente possível a racionalização do capitalismo em prol do aumento da produtividade, das modificações de sua estrutura e das necessidades de um “novo” trabalhador.

Nesse cenário, a racionalização do capitalismo parece ter alcançado um novo patamar: moldar o trabalhador “ideal” para as necessidades do sistema, aumentando sua eficiência ao custo da individualidade. O experimento narrativo nos convida a refletir sobre os limites éticos, sociais e psicológicos de um sistema que valoriza a produtividade acima da dignidade humana. A alienação, longe de ser um conceito restrito ao século XIX, ressurge em novas roupagens, adaptada às tecnologias modernas e aos discursos corporativos de eficiência e engajamento. As relações agora perpassam não apenas pelas dinâmicas laborais, mas também pela forma como os sujeitos se colocam diante de tais exigências.

Considerações finais

As contribuições dos autores clássicos como Marx, Engels e Durkheim permanecem fundamentais para compreender a centralidade do trabalho na vida social e os processos históricos que moldaram sua função e seu significado. Destacou-se que as mudanças no mundo do trabalho estão intrinsecamente relacionadas às transformações sociais e estruturais do capitalismo. A relevância das perspectivas sociológicas clássicas e contemporâneas oferecem bases para a compreensão da funcionalidade do trabalho e suas complexidades na atualidade, em que fenômenos como a precarização são movidos por um “espírito” do capitalismo que promove o empreendedorismo e a individualidade. Isto, por sua vez, é capaz de extinguir competências da vida social, ao colocar em xeque as fronteiras entre o profissional e o pessoal.

Ao tratarmos de temas como o conceito de trabalho na sociologia clássica, as transformações nas relações de trabalho e suas implicações sociais, buscamos redirecionar o olhar crítico sobre o mundo do trabalho a partir de uma narrativa distópica, como apresentada na série *Ruptura*. A obra audiovisual não é apenas um recurso ilustrativo, mas um instrumento potente de reflexão, que nos permite tensionar discursos naturalizados sobre produtividade, identidade e alienação.

Nesse contexto, a série constitui uma alegoria pertinente sobre a condição laboral contemporânea, quando projeta um futuro pautado na busca contínua por uma produtividade que em última instância fragmenta o próprio ser. A série traz uma representação do aprofundamento da precarização e da alienação, fazendo com que o trabalho se distancie da necessidade, e seja uma “prisão”, cuja dignidade humana fica submetida à lógica de eficiência do mercado. As inovações tecnológicas e as recorrentes transformações estruturais do capitalismo desenham um cenário cada vez mais problemático nesse contexto, uma vez que pode não haver mais limites para a flexibilização da vida humana em prol do capital.

Vivemos hoje sob a égide de um novo espírito do capitalismo, caracterizado pela exigência constante de autogerenciamento, empreendedorismo de si e dissolução das fronteiras entre vida pessoal e profissional. Nesse contexto, o sujeito trabalhador é compelido a tornar-se uma empresa de si mesmo, sacrificando aspectos essenciais da vida, como o tempo livre, o descanso e as relações interpessoais, o trabalho, portanto, não apenas ocupa o centro da vida, mas coloniza a subjetividade.

Em síntese, o capitalismo neoliberal valida uma ilusão de sentido ligado à produtividade e ao consumo, enquanto, de forma furtiva, definha esperanças de um futuro coletivo promissor, acarretando mais desigualdades e sofrimentos. E por meio de uma leitura a partir de lentes sociológicas, a obra aqui analisada nos convida para uma reflexão urgente sobre as problemáticas que envolvem as relações sociais, a condição humana e o futuro do trabalho.

Assim, reafirmamos a relevância da sociologia como ferramenta crítica para a análise das dinâmicas de trabalho na contemporaneidade. Os clássicos não apenas fundamentam nossa compreensão histórica, mas continuam sendo bússolas teóricas indispensáveis para interpretar os desafios de um mundo em constante transformação. Diante de possibilidades incertas e instabilidade social, cabe à reflexão sociológica o papel de iluminar caminhos que preservem a dignidade humana e a possibilidade de reinvenção das relações de trabalho.

*** David dos Santos Lima** é graduado em Ciências Humanas/História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente é mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Estado Democrático e Sociedade Contemporânea (NEPES/UFPI). Colaborador do Grupo de Pesquisa Geocultural Maranhão (UFMA). Desenvolve pesquisas na área de Estado, territorialidades, políticas sociais e ruralidades.

Contato: david.santos@ufpi.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2330990395554443>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8852-3072>

* **Isadora Maria Carvalho de Araújo** é assistente social graduada pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com experiência na área de Serviço Social, com ênfase em políticas públicas de Assistência Social. Atualmente é mestrandona em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da UFPI, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). Integra o Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Estado Democrático e Sociedade Contemporânea (NEPES/UFPI), desenvolvendo pesquisas nas áreas de Estado, políticas sociais, desigualdades e direitos sociais.

Contato: isamaria@ufpi.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9979033775985115>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7341-6829>

Artigo recebido em: 13/06/2025

Aprovado em: 29/08/2025

Como citar este texto: LIMA, David dos Santos; ARAÚJO, Isadora Maria Carvalho de. Distopia do trabalho: “Ruptura” (Severance) como representação da alienação e da flexibilização no capitalismo neoliberal. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 02, e1129394, 2025.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, Jeffrey. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (Orgs.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo. Unesp, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, 28 (81), 39-53, 2014).
- ARAÚJO, Marley Rosana Melo de; MORAIS, Kátia Regina Santos. Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, /S. l./, v. 20, n. 1, p. 1–13, 2017.
- BOAS Notícias sobre o inferno.** In: Ruptura. Criação de Dan Erickson. Direção de Ben Stiller e Aoife McArdle. Estados Unidos: Apple, 2022. 57 min, son., color. Temporada 1, episódio 1. Série exibida pela Apple TV+. Disponível em: <https://tv.apple.com/br/show/ruptura/umc.cmc.1srk2goyh2q2zdxcx605w8vtx> Acesso em: 02 fev. 2025.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017.** Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nos 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 14 jul. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm Acesso em: 13 de mar. 2025.
- CARVALHO, Guilherme. Dessindicalização, institucionalização e representação social. **REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.1, n.2, jan./ jul. 2009.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DALLAGO, Cleonilda S. T. Relações de trabalho e modo de produção capitalista. In: **Anais do VII Seminário de Saúde do Trabalhador e V Seminário O Trabalho em Debate “Saúde Mental Relacionada ao Trabalho”**, 2010.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ENGELS, Friedrich. Quota-Parte do trabalho de hominização de macaco. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich: **Obras Escolhidas.** Lisboa – Moscovo, 1985, p. 71-83.

FERNANDES, Rhuann. Sociologia e trabalho: clássicas concepções. Trabalho e trabalhadores na América Latina, **Espirales**, n. V, Vol. 11, set. 2020.

GETEMPO. Ruptura e o Mundo do Trabalho. Getempo.org. Disponível em: <http://getempo.org/2022/12/12/ruptura-e-o-mundo-do-trabalho>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LAUDARES, João Bosco. As relações de trabalho numa sociedade capitalista: a sociedade tecnizada e capitalista. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, n. 2, 1º semestre, 2006.

LEAL, Rafael Mendes. **Subjetividade contemporânea na série Ruptura:** a busca e a disputa de sentidos nos ambientes organizacionais. Monografia (Curso de Comunicação Social - Jornalismo). Universidade Federal de Viçosa, 2022.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RICK, Kevin. Crítica. Ruptura: 1a Temporada. **Plano Crítico.** Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-ruptura-1a-temporada>. Acesso em: 20 jun. 2024.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo. Pioneira, 1999.

WEBER, Max. **Economia e sociedade.** 4^a ed. - Brasilia: Editora Universidade de Brasília, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã:** Feurbach – A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Capital:** Crítica da

Economia Política, Livro I, O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

SALES, Ana Patrícia Dias; SANSON, Cesar. A categoria trabalho nos clássicos da sociologia: um possível diálogo entre Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 02, n. 28, p. 63-80, 2022.

SANCHEZ, Leonardo. Em ‘Ruptura’, Ben Stiller retrata a era do burnout, em que vida e trabalho colidem. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2022. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/02/em-ruptura-ben-stiller-retrata-a-era-doburnout-em-que-vida-e-trabalho-colidem.shtml>

SCOPEL, Tainá de Jesus. **A Percepção da Síndrome de Burnout no ambiente de trabalho**: um estudo observacional da série “Ruptura”. Monografia (Curso de Administração). Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/7129/1/SCOPEL.pdf> Acesso em: 14 dez. 2024.